

FOOD FIRST – Desmantelando o Racismo nos Sistemas Alimentares
Série multi-autorial especial sobre racismo e liberação nos sistemas alimentares
Número 6: Novembro de 2016

Do livro a ser lançado em 2017 *Justiça de Terras: Re-imaginando Terra, Alimento, e os comuns*

Agrarianismo Negro: Resistência

Por Dañia C. Davy , Savonala Horne, Tracy Lloyd McCurty, e Edward “Jerry” Pennick

*Se você algum dia
se encontrar em algum lugar,
perdido e rodeado por inimigos
que não te deixam
falar em sua própria língua,
que destrói suas estátuas e instrumentos,
que proíbe o seu oom boom ba boom,
então você está com problemas
problemas graves
eles proíbem o seu oom boom ba boom
você em grave grave problemas
humph!
Provavelmente irá levar vários séculos
Para se livrar!*

- Amiri Baraka ¹

Em 1803, setenta e cinco Igbos capturados tomaram o controle de um navio com destino a St. Simons Island, na Geórgia, forçando os abdutores brancos a saltarem ao mar e se afogarem.² De acordo com a evidência arquivística, à chegada às margens da ilha, os Igbos marcharam juntos para o riacho, "O Espírito de Água Omambala nos trouxe aqui. O Espírito de Água Omambala nos levará para casa. " ³ Este ato de resistência tornou-se um dos mais anunciados exemplos nos Estados Unidos de africanos escravizados usando suicídio em massa para se libertarem da escravidão. Os Igbos que resistiram à escravidão através da morte e transcendência foram canonizados como os "Africanos Voadores" séculos mais tarde nos folclores de Gullah Geechee e Africano americano.⁴ Através da tradição oral africana e memória coletiva, os Igbos se metamorfosearam em pássaros sobrenaturais que se elevaram acima da escravidão e aniquilação.

Embora os Igbos resistissem à escravidão através da morte, milhões de descendentes africanos resistiram à escravidão ao longo da vida, garantindo a transferência de *oom boom ba boom* (Conhecimento ancestral, ideologias regenerativas e vida agrária) para as gerações futuras em um esforço para afastar as permutações do capitalismo supremacista branco.

Este documento presta homenagem aos "africanos voadores" do (s) movimento (s) de libertação agrária negro nos Estados Unidos - nossos triunfos coletivos, derrotas, e renascimentos. As incessantes matanças extrajudiciais racializadas de negros, mulheres

e crianças são lembretes arrepiantes de que os descendentes africanos não têm santuário neste país. Nossos antepassados compreenderam esta verdade solene, cavada na terra, e construíram vilas agrárias autônomas "para os belos ainda não nascidos." Como Ella Jo Baker compartilhou com a comunidade amada, "A luta é eterna. A tribo aumenta. Outra pessoa continua".

A luta de libertação agrária negra de 400 anos nos Estados Unidos está inextricavelmente ligada à construção Européia de identidade racial, hierarquia e dominação consagradas na jurisprudência americana e nos costumes sociais. Em seu trabalho seminal, "Branqueza como propriedade", Cheryl Harris examina como as origens do direito de propriedade nos Estados Unidos estavam na subjugação racial de africanos e nativos americanos através dos sistemas paralelos de escravidão e colonização.⁵ Branqueza como propriedade informou a legislação federal e políticas, formando trajetórias disparatadas para estabelecer propriedade para brancos e descendentes africanos. Por exemplo, O Homestead Act de 1862, um programa federal massivo de subsídio, transferiu mais de 50 milhões de acres de terras nativa americanas à maioria dos homens brancos colonos e especuladores de terras através de propriedades de 160 acres por cinco anos de cultivo ou pagamento de US \$ 1,25 por acre.⁶ Em comparação, o governo federal abandonou o imperativo dos esforços para redistribuição de terras em larga escala destinados a apoiar os 4 milhões de jovens Africanos emancipados cujos corpos e perícia agrária forneceram riqueza sem precedentes ao plantador, oligarquias e a nação.

Liberte a terra!

-Salute da República da Nova África

As décadas de 60 e 70 representaram uma onda de visões destemidas que refletiram todo o espectro de ideologia e hábitos de liberação negra. Iniciado pelos movimentos de Liberação Africanos, desmantelando o imperialismo europeu e reconstruindo nações africanas autodeterminadas em todo o continente e a diáspora, em 1968 quinhentos nacionalistas negros declararam independência dos Estados Unidos da América em Detroit, Michigan, prometendo fidelidade ao recém-formado Governo Provisório da República da Nova África (RNA).⁷ Reivindicando os cinco estados do sul, Alabama, Geórgia, Louisiana, Mississippi e Carolina do Sul como território nacional, o RNA situou suas terras junto a maioria africana esmagadora nos estados do sul e condados do Cinturão Negro.⁸ Além disso, ao citar o precedente internacional de 1952 das reparações de Luxemburgo, acordo no qual a Alemanha Ocidental pagou ao novo estado de Israel mais de US \$ 800 milhões em reparações para os crimes cometidos contra os europeus judeus durante o Holocausto, o RNA exigiu reparações do governo dos EUA para a perpetuidade econômica e crimes violentos contra os afro-descendentes.

Em março de 1971, os cidadãos do RNA entraram em um acordo de compra de terras com um proprietário negro em Hinds County, Mississippi para estabelecer El Malik, o primeiro capitólio Afrikan do RNA.⁹ O altamente divulgado Dia da Celebração da Terra do RNA foi minado pela repudição do acordo pelo proprietário negro como um resultado de uma pressão indevida do FBI. O estado de Mississippi então arquivou uma injunção contra o RNA que proíbe a organização de reocupar a terra.¹⁰ Desde o início do RNA, o ignominioso COINTELPRO do FBI (Programa de Contra-Inteligência) decidiu dizimar a liderança do RNA através de vigilância, sabotagem interna,

enquadramento, prisão e agressão armada.¹¹ O Ato de Liberdade de Informação (FOIA) foi um processo bem sucedido arquivado pelo RNA que expôs o volumoso arquivo do COINTELPRO no movimento – relatório de mais de 70.000 páginas de vigilância e contrainteligência.¹²

Nossa cooperativa é como a estação ferroviária em nossa comunidade. Ele estará aqui, mesmo que o trem não venha mais e alguém bem distante decida puxar a pista, ainda vamos ter nossa cooperativa em nossa comunidade porque nós mesmos a construímos, não importa o que aconteça.

-Eldridge Willie "E.W." Steptoe¹³

O legado de resistência tem confirmado uma inescapável realidade: esforços individuais para desafiar a opressão não podem dismantelar o onnipresente sistema de racismo.

Identificando práticas institucionalizadas e discriminatórias que desestabilizam a independência econômica como a base de disparidades de riqueza, várias outras iniciativas lideradas pelos negros resistiram ao desapossamento implementando modelos econômicos para promover Terras cooperativas Negras e riqueza comunitária. O desafio visionário de Fannie Lou Hamer ao status quo político, por exemplo, simultaneamente avançaram os engajamentos políticos negros e autonomia econômica. Hamer atribuiu as persistentes desigualdades econômicas às Plantations, e monopólio da terra. Como uma alternativa, ela defendeu a propriedade cooperativa da terra, que iria levar os negros em direção ao seu "objetivo final de Liberdade Total".¹⁴ Sua revolucionária Freedom Farm Corporation, fundada em 1969, adquiriu mais de 600 hectares em Ruleville, Mississippi dentro de seus dois primeiros anos de operação. A Freedom Farm criou um modelo de propriedade compartilhada que permite aos membros cooperativos "se alimentarem, serem donos de suas próprias casas, cultivar em cooperação, e criar pequenos negócios em conjunto para apoiar um sistema alimentar sustentável, propriedade da terra e desenvolvimento econômico".¹⁵

Ainda que a fazenda servisse como uma incubadora de negócios para pequenas empresas, e providenciasse quantidades substanciais de comida para mais de 200 famílias locais, e em Chicago, Illinois, que se encontravam em situações economicamente precárias, Hammer reconheceu que esta não era sustentável porque não gerava capital. Já em 1974, a Freedom Farm perdeu 640 acres para credores e terminou as operações pouco tempo depois. A visão da Freedom Farm, o que esta tem alcançado, e até as suas discrepâncias oferecem clareza acerca do papel que iniciativas de cooperação de base agrária podem ter em atingir a emancipação Negra.

Em 1967, 22 cooperativas com raízes profundas no movimento dos Direitos Civis, incluindo o movimento "Freedom Quilting Bee em Alberta, Alabama e a Cooperativa de produtores de legumes Grand Marie em Sunset, Louisiana, reuniram-se na Universidade de Atlanta para formar a Federação das Cooperativas do Sul (FSC), uma organização cooperativa sem fins lucrativos que alberga vários membros para abordar a sobrevivência das comunidades agrárias Negras no Sul rural, através da proliferação de cooperativas como uma alternativa para um sistema econômico democrático. Por toda a região do Cinturão Negro/ Black Belt, houve uma preocupação para que os direitos civis não necessariamente significassem direitos econômicos. Como exposto por Erza Cunningham, agricultora e membro fundadora da FSC, "Não se pode comer a liberdade. E um voto não deve ser confundido com uma nota." Àquele tempo os Afro-Americanos

ainda se encontravam bastante dependentes de um sistema econômico repressivo controlado pelos brancos, que impedia qualquer tentativa de obtenção de independência econômica.

O movimento da Southwest Georgia, sob a liderança estratégica de Charles Sherrod, um campeão respeitado dentro do Comitê Coordenador Estudantil de Não Violência (SNCC), desenvolveu uma plataforma compreensiva de transformação social, através do instrumento da urna de voto, consagrando os direitos de voto como o eixo do qual todos os direitos econômicos e humanos derivam. Contudo, as obstruções do estabelecimento branco político eram implacáveis na sua oposição à desagregação do sudoeste da Geórgia. O Movimento do Sudoeste da Geórgia sofreu mais derrotas que vitórias dos seus esforços organizacionais para eleger agricultores Afro-Americanos nos comitês de Estabilização Agrícola e de Serviço de Conservação (departamentos governamentais de empréstimo e subsídios locais pertencentes ao USDA), influentes e racialmente opressivos. Em última instância, estes adoptaram uma estratégia de resistência agrária mais radical através do estabelecimento de Novas Comunidades, Inc. (NCI), as quais centraram práticas coletivas no seu firme propósito de atingir soberania comunitária. Como intensamente articulado pelo defensor de direitos agrários e civis Shirley Sherrod na sua autobiografia, *A Coragem de Acreditar: Como eu me Levantei contra a Política de Medo*, a visão da NCI era de “uma operação de Fundos de Terra que estimulasse sustentabilidade econômica enquanto ajudasse famílias individuais a manter as suas residências próprias.”

Em 1969, mais de 50 famílias Afro-Americanas formaram a emergente NCI com a visão de um “Fundo perpétuo para uso permanente de comunidades rurais.” Lutando contra práticas de discriminação raciais em programas federais de empréstimo agrário, o NCI adquiriu 5,736 acres de terreno agrário e florestal no Condado de Lee, Geórgia. Na história luminosa do Movimento do Sudoeste da Geórgia, o Condado de Lee foi um local de batalha chave onde os latifundiários Negros, tais como o agricultor com coração de Leão e a parteira Mama Dolly Raines, providenciaram proteção armada e descanso a centenas de trabalhadores do SNCC durante noites longas de terrorismo racial. Esta aquisição de terrenos nunca antes vista, por Afro Americanos no meio duma luta de direitos civis, não tem qualquer antecedente histórico, e gerou irrefutavelmente a comunidade fiduciária nos Estados Unidos.

Uma combinação de retrações de mercado, secas extensivas e pressões políticas eventualmente resultaram no colapso das aquisições fundiárias do NCI. De forma inegável, a discriminação racial presente na Administração Interna Agrícola da USDA deu o golpe fatal ao NCI aquando da sua recusa em providenciar assistência de emergência necessária, ao mesmo tempo que providenciava empréstimos a agricultores brancos com grandes plantações por toda a área. O NCI lutou afincadamente contra a USDA por mais de 3 anos com a assistência de um conjunto de organizações comunitárias. Infelizmente, estes esforços coletivos não foram suficientes para sustentar o NCI, e em 1985 o Seguro Prudential fechou as aquisições agrárias do NCI, vendendo a propriedade no valor de \$ 1.1 milhão, um quinto do seu valor. O novo dono demoliu todos os edifícios e destruiu as colheitas, como que para eliminar qualquer vestígio da existência do NCI tanto da memória como da história.

O trabalho visionário e o legado do NCI, o primeiro Fundo Agrário cooperativo comunitário, nunca que pode ser dizimado, estando ainda presente nos corações e almas de muitos. De fato, houve um recente renascimento do NCI. Após anos de litigação, o

NCI prevaleceu com um acordo de \$ 12.5 milhões em 2010, um dos maiores acordos resultantes do processo judicial coletivo *Pigford vs Glickman*. Em 2011, o Comitê de Direção do NCI reclamou o seu sonho adiado por 40 anos de adquirir um terreno de 1600 acres e renomeou os terrenos trabalhados por Africanos ancestrais escravizados para “Resora”. Guiado pelo modelo do NCI para a auto-determinação comunitária, Resora servirá como um centro de desenvolvimento cultural e de liderança para treinar os Negros agrários e defensores dos direitos civis, e como uma fazenda de demonstração, mais uma vez empregando sistemas de regeneração agrária e de métodos de produção criados por George Washington Carver and Booker T. Whatley.

O Fundo de Emergência de Terras (ELF) foi criado à partir do mesmo espírito rebelde que a Freedom Farm, FSC, e NCI – o desejo de realizar uma auto-suficiência autônoma para a comunidade rural Negra. A história do ELF pode ser traçada à partir da Conferência do desenvolvimento econômico Negro feita em Detroit, Michigan, em 1969, onde James Forman lançou seu apaixonado *Manifesto Negro* chamando por um banco de terras do sul para estimular o desenvolvimento cooperativo e autonomia econômica para comunidades rurais Negras.²⁴

Em 1973, o Centro Negro de Investigação Econômico (BERC) publicou *Só Seis Milhões de Acres: o Declínio do Território pertencente a Negros no Sul Rural*, o primeiro relatório detalhado acerca do estado da posse de terra por Negros na região do Black Belt (Cinturão Negro). A publicação e subsequente circulação geral do relatório foi um momento determinante na luta contínua dos Afro Americanos para manterem a posse dos seus terrenos, e lançou o Fundo de Emergência de Terras (ELF) para desenvolver e implementar estratégias de retenção de terrenos. O ELF abordaria muito dos assuntos expressados no *Manifesto Negro* e liderado pelo RNA. Sob a direção do Diretor Executivo Joe Brooks, o Ministro Formal Nacional para o Desenvolvimento e Planejamento Econômicos para o RNA, o ELF lançou uma estratégia de resistência tripla para entrar a corrente de limpeza da perda de posse negra de terrenos: uma rede regional de advogados que ofereça representação legal a latifundiários Negros; um fundo rotativo de empréstimos para assistir representantes Negros em vários procedimentos de perda de terrenos; uma rede local comunitária de defesa e educação política para defender os direitos dos latifundiários Negros.

Com o intuito de reforçar os esforços civis de retenção de terrenos do ELF, os agricultores Negros e latifundiários rurais formaram a Associação Nacional de Latifundiários (NAL) em 1977, um movimento liderado e controlado pelos Afro-Americanos para reforçar o poder e resistir à ocupação/posse de terrenos detidos por Negros. Através da liderança de Fred Bennett, um agricultor cuja família era dona duma fazenda de 400 acres em Greeneville, Alabama, o NAL negociou um empréstimo de baixo juros de \$ 1 milhão com a Seguradora Equitable Life & Casualty Insurance Company de forma a salvar terrenos pertencentes a Negros no Alabama. O NAL salvou centenas de acres ao impedir vendas de imposto e forçou um preço de venda inferior ao valor de mercado. No seu auge, o NAL tinha uma base de membros paga com mais 4000 agricultores Negros e donos na sua maioria vindos do Sul, mas incluindo um número significativo de “Up South” members. Infelizmente, a infusão de capital foi um investimento temporal e o NAL não conseguia atrair fundos significativos, privados ou públicos, nem gerar fundos suficientes internamente, para sustentar o fundo de emergência de empréstimos. Ainda assim, durante um período de 10 anos, o ELF e o NAL geriram mais de 1000 casos e salvaram mais de 50 000 acres. Ademais, em mais de 60 condados por toda a região de Black Belt, uma rede comunitária do condado monitorou e

confrontou esforços para despojar terrenos pertencentes a latifundiários Negros (ex: angariou recursos financeiros de proposta a impostos de venda, de forma a restaurar terrenos ao dono original ou a um agricultor sem terrenos; conduziu investigações de títulos de terreno; e manteve os latifundiários informados de questões locais agrárias).

A História tem dado importância significativa acerca da criatividade coletiva necessária para criar soluções para evitar a perda de terrenos de latifundiários Negros. O legado de resistência tem de jogar um papel no processo através do qual soluções propostas são examinadas. A recriação de modelos de posse de terra individualistas, os quais reinstalam a discriminação do status quo de uma cultura pós-colonial na consciência Negra, têm de ser avaliadas com escrutínio e crítica.

A evolução da resistência como prática cultural exige um diálogo contínuo integrando rapidamente discriminação racial resistente, disparidades intracomunitárias, e usurpação contínua política inserida na realidade econômica da erosão de riqueza Negra. Como Harriet Tubman aconselhou os viajantes de resistência cautelosos temos de avançar juntos em direção à liberdade ou enfrentar a morte certa. A comunidade coletiva Negra tem de envolver investimento econômico cooperativo de forma a preservar meios de subsistência, propriedade, e vidas. Esta é a esperança de antepassados Africanos escravizados e a promessa a ser cumprida para gerações futuras.

Olha para a história daquele povo o que retorna à África. É tudo verdade. Só tens que possuir conhecimento mágico para que possas conseguir isto.

- Entrevista da WPA com George W. Little, médico independente de Brownsville, Geórgia, anos 1930.

Notes :

1. Baraka, Amiri. 2007. "Wise 1," Wise, Why's, Y's: The Gri- ot's Song Djeli Ya. New York: Third World Press.
2. Ciucevich, Robert. 2009. Glynn County Historic Resources Survey Report. Brunswick: Glynn County Board of Commis- sioners.
3. Ebo (Igbo) Landing Project. 2016. "About." Accessed Janu- ary 23, 2016. <http://igbolandingproject.com/about/>
4. Powell, Timothy. 2011. "Summoning the Ancestors: The Flying Africans' Story and Its Enduring Legacy." In African American Life in the Georgia Lowcountry: The Atlantic World and the Gullah Geechee, edited by Philip Morgan. Athens: University of Georgia Press.
5. Harris, Cheryl I. 1993. "Whiteness As Property." Harvard Law Review 106: 1707-1791.
6. Zinn, Howard. 1999. A People's History of the United States (1492 – Present). New York: HarperCollins Publishers Inc.
7. Lumumba, Chokwe. 1981. "Short History of the U.S. War on R.N.A." The Black Scholar 12: 72-81.

8. Obadele, Imari Abubakari. 1972. "The Struggle is for Land." *The Black Scholar* 3: 24-36.
9. Lumumba at 73.
10. Nelson, Jr., William E. 1978. "Black Political Power and the Decline of Black Land Ownership." *The Review of Black Political Economy* 8: 253-265; Umoja, Akinyele Omowale. 2013. *We Will Shoot Back: Armed Resistance in the Mississippi Freedom Movement*. New York: New York University Press.
11. Lumumba at 78. 12. Ibid.
13. Federation of Southern Cooperatives/Land Assistance Fund. 1992. 25th Annual Report. Atlanta: Federation of Southern Cooperatives/Land Assistance Fund.
14. Gordon Nembhard, Jessica. 2014. *Collective Courage: A History of African American Cooperative Economic Thought and Practice*. University Park: Pennsylvania State University Press.
15. Ibid.
16. Federation of Southern Cooperatives/Land Assistance Fund. 2007. *Four Decades: 1967-2007 Historical Review of the Federation of Southern Cooperatives/Land Assistance Fund*. Atlanta: Federation of Southern Cooperatives/Land Assistance Fund.
17. Bethell, Thomas N. 1982. *Sumter County Blues: The Ordeal of the Federation of Southern Cooperatives*. Washington, D.C: National Committee in Support of Community Based Organizations.
18. Sherrod, Shirley and Catherine Whitney. 2012. *The Courage to Hope: How I Stood Up to the Politics Fear*. New York: Atria Books.
19. Sherrod, Shirley and Charles Sherrod. 2016. Interviews by Edward "Jerry" Pennick. June, 17, 20.
20. Sherrod, Charles, Shirley Sherrod, Edward "Jerry" Pennick, and Heather Gray, eds. 2000. *Celebrating the Southwest Georgia Movement: Reviewing Our Past to Chart Our Future*. Albany: The Southwest Project for Community Education, Inc.
21. Ibid.
22. Sherrod, Shirley and Charles Sherrod. 2016. Interviews by Edward "Jerry" Pennick. June, 17, 20.
23. Ibid.
24. Browne, Robert S., editor. 1973. *Only Six Million Acres: Black-Owned Land Loss in the Rural South*. New York: Black Economic Research Center.
25. Pennick, Edward "Jerry". 2016. Interview by Tracy Lloyd McCurty, Esq. January,
26. Ibid.
27. Brooks, Joseph. 2016. Interview by Tracy Lloyd McCurty, Esq. January, 18.

28. Pennick, Edward "Jerry". 2016. Interview by Tracy Lloyd McCurty, Esq. January,

29. Ibid.

30. Powell at 254; Georgia Writer's Project. 2014; Drums and Shadows: Survival Studies Among the Georgia Coastal Negroes. Self Published: Georgia's Writer's Project.

Sobre os autores:

Dãnia C. Davy, Esq. Atua como Diretora Adjunta do Centro de Justiça Black Belt, onde lidera o Projeto de História Oral da Acres of Ancestry. Começou sua carreira como Skadden Fellow na Associação de Advogados Negros de North Carolina no Projeto de Prevenção de Perda de Terras, onde ela forneceu planejamento imobiliário e defesa de serviços jurídicos para proprietários sub-representados de terras agrícolas, servido no inaugural Conselho de Orientações de Alimentação Local Sustentável da Carolina do Norte e dirigiu seu primeiro documentário - "Nossa Terra, Nossas Vidas: The North Carolina Black Farmers Experience".

Savonala Horne, Esq. É o Diretor Executivo da Associação de Advogados Negros no Projeto de Prevenção de Perda de Terras da North Carolina. Como líder estatal, regional e nacional de organizações não-governamentais, Savonala tem sido fundamental para atender às necessidades de pequenos agricultores e socialmente desfavorecidos. Horne atua em conselhos nacionais de agricultura sustentável e pequenas fazendas, incluindo a National Family Farm Coalition, a Coalition Rural e o Black Family Land Trust.

Tracy Lloyd McCurty, Esq. É o Co-Fundador e Diretor Executivo do Centro de Justiça Black Belt, uma organização sem fins lucrativos legais e de advocacia dedicada à preservação e regeneração de terras agrícolas Afro-americanas e meios de subsistência terrestres através de representação legal eficaz, advocacia e educação comunitária. Muito influenciada pelos planos visionários do Fundo de Terras de Emergência e do New Communities Community Land Trust, Inc., Tracy dedica-se ao avanço do financiamento controlado pela comunidade, bem como formas comunais de propriedade da terra.

Edward "Jerry" Pennick aposentou-se da Federação de Cooperativas do Sul / Fundo de Assistência de Terras depois de servir por 39 anos como seu Diretor de Assistente de Terra e Coordenador de Política para agricultores afro-americanos, proprietários de terras e comunidades rurais. Ele atualmente trabalha a tempo parcial como Coordenador de Políticas Rurais para a Escola de Agricultura da Tuskegee University. Ele também é consultor de desenvolvimento rural.

Sobre a série Desmantelando o Racismo nos sistemas alimentares:

Este Backgrounder é a quinta parcela de uma série de vários autores sobre "Desmantelar o Racismo nos Sistemas de Alimentação". Nesta série buscamos descobrir os fundamentos estruturais do racismo no sistema alimentar e destacar as formas como pessoas, comunidades, organizações e movimentos sociais estão desmantelando as

atitudes, instituições e estruturas que mantêm o racismo no lugar. Food First está convencido de que, para acabar com a fome e a desnutrição, devemos acabar com as injustiças no sistema alimentar. Desmantelar as injustiças do racismo no sistema alimentar, no movimento alimentar, nas nossas organizações e entre nós é fundamental para transformar o sistema alimentar e a nossa sociedade.

Food First convida contribuições sobre este tema de autores envolvidos em pesquisa e ação comunitária para desmantelar o racismo no sistema alimentar. Diferentes aspectos do tópico podem incluir a terra, trabalho, finanças, acesso à alimentação, nutrição, justiça alimentar e organizações de soberania alimentar.